



Edições Vercial

Memória das Estrelas sem Brilho  
José Leon Machado

Memória das Estrelas sem Brilho

José Leon Machado

# Memória das Estrelas sem Brilho

Romance

2ª edição

**Edições Vercial**

*Ao meu bisavô António José Ribeiro  
– in memoriam*

*O capitão na peleja mais ama àquele cavaleiro que depois de haver fugido torna e aperta fortemente ao inimigo que ao que nunca volveu as costas e nunca fez alguma coisa de honra.*

São Gregório

*A morte devia ser um gesto simples de retirada, como do palco sai um actor secundário, não chegou a dizer a palavra final, não lhe pertencia, saiu apenas, deixou de ser preciso.*

José Saramago

## CAPÍTULO I

Fiquei em casa com a criada. A Aninhas e a minha mãe foram passar uns dias à Póvoa de Varzim. A tia Generosa tem andado adoentada e precisa de algum apoio. O Afonso, o meu filho mais velho, está para Coimbra no primeiro ano de Engenharia. O Pedro está no seminário de Braga a estudar para padre. A mais nova, a Inês, estuda num colégio feminino em Famalicão.

Custou-me a passar a primeira noite. Voltaram-me os pesadelos sobre a guerra e por isso, ao jantar, num impulso súbito e inexplicável, pois não sou, nem tenho pretensões a ser, um fornicador de criadas, pedi à Guiomar para se deitar comigo.

– Cruzes, sr. doutor! – exclamou ela muito ofendida enquanto poisava a terrina da sopa na mesa. – Eu sou uma rapariga séria.

– Eu sei que és, Guiomar. Por isso mesmo é que to peço.

– Não o entendo, sr. doutor. Ou está a mangar comigo, ou está a querer fazer de mim burra.

– Se te deitares comigo, eu prometo não te tocar.

– E acha que consegue? Sempre ouvi dizer que o fogo ao pé da palha... Além do mais, para que quer vossemecê que eu durma consigo?

– Não estou habituado a dormir sozinho e vêm-me pesadelos horríveis durante a noite. A companhia de outra pessoa faz com que eu durma bem. Prometo pelas cinco chagas que não te toco nem com um dedo.

– Ai minha Nossa Senhora! E se a Dona Ana vem a saber?

– Só se lhe fores contar.

– Mesmo assim, ela pode muito bem descobrir um cabelo na cama, ou até o meu cheiro, e põe-me no olho da rua.

– Sempre podes lavar a roupa.

– Não me fio disso sr. doutor. As mulheres, nessas coisas, são piores do que os cães.

– São perspicazes, queres tu dizer.

– Isso.

– Mas diz-me cá: E se eu te promettesse uma blusa e uma saia nova?

– Promessas são promessas e toda a gente sabe que as leva o vento. Mas, além de a Dona Ana poder vir a saber, tenho medo de que o sr. doutor abuse de mim. É que ainda nenhum homem me tocou e conto ir virgem para o altar, se um dia arranjar alguém que me queira.

– É claro que hás-de arranjar alguém. Uma rapariga como tu merece o melhor deste mundo e do outro. Vem cá, senta-te aqui ao pé de mim e ajuda-me a comer a sopa.

– Ai isso não, sr. doutor. O meu lugar é na cozinha. Vou ver o cozido que deixei ao lume.

A Guiomar saiu disparada da sala de jantar. Demorou alguns minutos a trazer-me a travessa do cozido. Poisou-a na mesa, retirou-me o prato fundo da sopa e ali se manteve de pé, à espera que eu me servisse. Tirei um coxão de frango, uma penca cozida e meia batata. A verdade é que não tinha grande fome.

Enquanto comia, observei-a de soslaio. Era uma rapariga a caminho dos vinte e cinco anos, um pouco desajeitada nos gestos, fruto da educação e do ambiente rústico em que vivera durante a infância. Tinha a pele muito branca, os olhos grandes e azuis. O cabelo castanho alongava-se em duas tranças. Era sólida, de anca larga e peito vasto. Por ser boa cozinheira, a Aninhas contratou-a, ainda era uma adolescente.

Comi em silêncio uma parte da coxa de frango, uma folha de penca e meia batata. Bebi um copo de vinho e ergui-me da cadeira.

– O sr. doutor não come mais nada? – perguntou ela.

– Não, Guiomar. Estou sem grande apetite.

– Mas comeu tão pouco...

– Não me sinto lá muito bem. Vou para o escritório ler qualquer coisa.

– Quer o sr. doutor que eu lhe leve daqui a um bocadinho um chá?

– Sim, agradecia.

Sentei-me numa das poltronas do escritório, junto à lareira acesa onde estava pendurado o símbolo boche de bronze com a águia e a frase *Mit Gott für Koenig und Vaterland* que eu trouxera da Flandres como espólio de guerra, peguei no *Húmus* do Raul Brandão e retomei a leitura. Daí a uma hora, entrou a Guiomar com a bandeja do chá. Fechei o livro, poisei-o num dos braços da poltrona e pedi à Guiomar que se sentasse na que estava em frente. Ela, por respeito à Aninhas, que ali se costumava sentar, recusou. Encheu-me a chávena, deitou-lhe três colherinhas de açúcar amarelo e passou-ma para a mão. Era um trabalho que a Aninhas costumava fazer para mim. Mas ela hoje não estava e a Guiomar sentiu-se na obrigação de a substituir.

– Sabe, sr. doutor, estive a pensar naquilo que me pediu.

– Começou por dizer com algum embaraço, esfregando as mãos espalmadas no avental.

– E então? – perguntei levando a chávena aos lábios.

– Se o sr. doutor me prometer que não abusa de mim, eu deixo-o ir dormir na minha cama. É pequena e o quarto é um bocado frio. Mas, se nos acomodarmos bem, haveremos de caber e o frio sempre se espalha com mais uma manta.

– Guiomar, és uma boa rapariga. Prometo que não te hei-de tocar. Já ganhaste a tua blusa e a tua saia nova.

– Então com a sua licença, vou preparar o quarto.

– Não exageres nas preparações. Vai-te deitando, que eu já lá vou ter.

– Não se esqueça de apagar as luzes e a lareira, não vá acontecer alguma desgraça.

Ela dirigiu-se para a porta e eu avaliei-lhe a figura por detrás. Não era uma mulher sedutora, mas o seu aspecto rústico não deixava de me atrair.

Retomo o livro e leio: «Só a insignificância nos permite viver. Sem ela já o doido que em nós prega, tinha tomado conta do mundo. A insignificância comprime uma força desabalada.» O livro depri-



me-me. Faço mais um esforço para terminar o último parágrafo do capítulo. «Estamos aqui todos à espera da morte!» Fecho o livro e fico algum tempo a olhar o símbolo boche.

Bati à porta do quarto da Guiomar, no sótão da casa. Ela pediu-me para entrar mas para não acender a luz. Foi às escuras que me despi deixando as roupas no chão e entrei na cama. Embora não fosse muito grande, cabíamos perfeitamente os dois. O quarto estava realmente frio.

– Aconchegue-se bem – ouvi-a dizer enquanto ajeitava as mantas à nossa volta.

Depois caímos ambos no silêncio. Consegui adormecer, mas a meio da noite, tive um pesadelo. Sonhei que se aproximavam milhares de boches. Alguém ao meu lado disparava com uma metralhadora *Lewis*. As balas eram como água e os inimigos não caíam, aproximando-se cada vez mais. As munições acabaram e um deles, de baioneta em riste, aproximou-se e enterrou-me num braço. Eu gritei de dor e a Guiomar tocou-me nos ombros muito preocupada:

– O que foi, sr. doutor? Que tem vossemecê?

Ao ouvir a sua voz, e tal como acontecia em situações semelhantes com a Aninhas ao lado, os boches transformaram-se em névoa e o pesadelo dissipou-se.

– Não foi nada, Guiomar – respondi estremunhado e a esfregar o braço ferido. – Foi só um sonho.

– Era da guerra, não era?

– Sim, era.

– O meu padrinho, que também lá andou, tinha desses sonhos ruins. Durma, não tenha medo, que eu estou aqui ao seu lado.

Adormecemos de novo e o pesadelo não voltou a visitar-me.

Pela manhã, acordei com a Guiomar voltada para mim. A luz que entrava pelas frestas da pequena janela oval era suficiente para eu poder ver. Admirei-lhe o rosto, cândido e adormecido, os olhos cerrados, um leve sorriso nos lábios. Fiz-lhe uma festa na testa e no cabelo. Ela suspirou ligeiramente. Depois abriu os olhos, fez um breve

esgar de estranhamento por me ver ali a seu lado, recuperando logo em seguida o sentido da realidade. Numa voz branda e preguiçosa, disse-me:

– Bom dia, sr. doutor. Dormiu bem?

– Sim, Guiomar, dormi bem. Obrigado pela companhia.

Levantei-me, procurei as minhas roupas espalhadas pelo chão e saí.

Nos dias que se seguiram, dormimos sempre juntos, sem, nas lides de casa, tocarmos nunca no assunto. Chegava a noite, ela ia para o quarto e eu ia ter com ela pouco depois. Adormecíamos ao lado um do outro e acordávamos, invariavelmente, agarrados um ao outro. Não voltei a ter pesadelos.

Alguns dias depois, quando supervisionava na adega da casa os pipos de vinho branco com o Delmiro, um dos meus jornaleiros, perguntei-lhe, como quem não quer saber:

– Quando te casas tu, rapaz? Já vai sendo mais que tempo.

– Pra casar, sr. doutor, é preciso ter com quem.

– E não terás tu habilidade para conquistar uma das raparigas da freguesia?

– Não há muitas disponíveis, sr. doutor. E as que há querem homens com bom emprego ou com alguma coisinha de seu. E eu, bem sabe vossemecê, não tenho nem uma coisa nem outra.

– Olha que a Guiomar é boa rapariga e não te iria dizer que não – disse eu a atirar o barro à parede a ver se pegava.

– A Guiomar? – espantou-se o rapaz.

– Sim, a Guiomar.

– Mas ela é afilhada dos meus pais. É quase da família.

– E que tem isso?

– E que tem isso? Os afilhados não podem casar com os filhos dos padrinhos.

– Essa é nova para mim.

– Há-de o sr. doutor perguntar ao padre Ruas. Diz que está escrito nos livros.

– No Direito Canónico, queres tu dizer.

– Sim, nisso. A Igreja proíbe o casamento porque diz que é no cesto.

– Talvez queiras dizer incesto.

– Incesto, ou no cesto, é tudo a mesma coisa. Enfim, é como se fôssemos irmãos. Mas irmãos em Deus.

– Pois sim. Mas o Direito Civil, que manda mais do que o Direito Canónico, permite o casamento nessas situações. Por isso, não há nenhum impedimento legal. O padre tem de vos casar, quer queira, quer não.

– Isso bem pode ser assim. O sr. doutor, que estudou leis, saberá mais do que eu, que sou de poucas letras. Mas o mais importante é se ela gosta de mim.

– E quem te disse a ti que não? Quando passas, não te tira os olhos de cima.

– Deveras?

– Pois é o que eu te digo. Ainda há dias ficou preocupada quando eu te mandei a um recado a Soutelo e já era noite e nunca mais chegavas.

O Delmiro ficou silencioso por alguns instantes, a meter a torneira no pipo.

– Então ela gosta de mim? – acabou por dizer, como se estivesse a falar com os botões da própria jaqueta.

– Quando a vires a jeito, vai ter com ela e pede-lhe namoro. Tenho a certeza de que ela aceita.

– Vossemecê acha?

– Pois claro que acho. Mas ouve lá – acrescentei meio a sério, meio a brincar –, não quero aqui poucas vergonhas em minha casa, ouviste? O respeitinho é muito bonito. Por isso, logo que ela aceite o namoro, vais falar com o padre e casas-te com ela.

Ele riu-se e prometeu-me que não lhe tocaria num cabelo que fosse até o padre lhes dar a bênção. Para ajudar no início da nova vida de casado e para ter com que sustentar a mulher e os filhos que viessem, prometi dar-lhe à exploração uma das minhas herdades, a melhor delas. Ele ficou contentíssimo com a notícia

e afiançou-me que, no Natal, ganharia coragem para ir falar no assunto à Guiomar.

– E porque não agora? – desafiei.

– Sabe, sr. doutor, é que tenho de apalpar primeiro o terreno. Ir aos poucos, como quem não quer nada. De outra guisa, posso espantar a perdiz. E depois no Natal sempre posso dar-lhe uma prenda. As mulheres apanham-se com prendas. Pelam-se todas por um chapéu ou um lenço.

– Vejo que sabes muito de mulheres.

– Não é por experiência própria, não senhor. Sabe, aprendi com as minhas irmãs. Ter duas irmãs em casa pode dar muito jeito nestas ocasiões.

– Que seja pelo Natal. Mas vamos lá ver se entretanto não deixas fugir a perdiz. É que pode muito bem aparecer outro caçador.

– Pode o sr. doutor ficar descansado, que a perdiz não há-de fugir para outro. Seja eu ceguinho.

E beijou o dedo polegar da mão direita em sinal de promessa.

Daí a dois dias, o carteiro veio trazer-me um telegrama da Aninhas a pedir que eu a fosse buscar à Póvoa. A tia estava melhor.

– Amanhã vou buscar a Dona Ana – disse eu à Guiomar quando estava à mesa para jantar.

– Sim, sr. doutor – respondeu ela um pouco desapontada com a notícia.

– Peço-te que ponhas flores na casa. Deve haver no jardim crisântemos. Estamos no tempo deles.

– Crisântemos, sr. doutor?

– E porque não?

– São flores dos mortos. Costumam pôr-se nas campas do cemitério.

– Mas parece-me que, de momento, não temos outras. E eu gostaria que a casa estivesse alegre para receber a Dona Ana.

– Vou ver o que se pode arranjar.

– Quanto ao nosso trato, Guiomar, confidencialidade.

– Confi quê, sr. doutor?

– Segredo, rapariga. Não fizemos mal nenhum. Mesmo assim, a Dona Ana não iria gostar de saber que tu andaste a partilhar a cama comigo.

– Pode estar o sr. doutor descansado.

Tirei da carteira três notas de vinte escudos e dei-lhas.

– Isto é para a blusa e para a saia nova. Se alguém te perguntar onde arranjaste o dinheiro, dizes que o juntaste.

– Mas isto é muito, sr. doutor.

– Sempre podes também comprar um chapéu e umas botas.

– Mesmo assim, ainda deve sobrar.

– Então guarda-o para o bragal de casamento.

A Guiomar ficou com as notas na mão, silenciosa por alguns momentos.

– Para o bragal?

– Pois claro. Para o bragal. Todas as raparigas devem ter um bragal, ou não? Que vergonha não seria se um noivo pedisse uma rapariga em casamento e ela se esqueceu de arrecadar os lençóis para o novo lar?

Ela pareceu alegrar-se com a ideia. Guardou as notas no bolso e disse com alguma hesitação:

– Desculpe a pergunta, sr. doutor, mas hoje à noite também...

– Sim, Guiomar, se tu não te importares, vou lá ter ao quarto.

– Não me importo, sr. doutor. Não me importo mesmo nada.

E foi à cozinha buscar-me a febra grelhada a abanar-se como um peru.

Quando, daí a duas horas, me despedi do Raul Brandão e subi ao sótão, encontrei o quarto vagamente iluminado pelos raios da lua cheia que as frestas da janela oval deixavam penetrar. Deitei-me ao lado da Guiomar e ela, ao contrário das outras noites, voltou-se para mim e cobriu-me a cara de beijos. Enquanto me beijava, senti-lhe as lágrimas. Tentei acalmá-la com palavras de conforto e meiguices.

## CAPÍTULO II

Há quatro tipos de homens: os simples, como o Rato e os soldados que eu comandeï na Flandres; os vulgares, como o capitão Rebelo e os outros dois alferes da minha companhia; os demagogos, como os políticos que nos mandaram para a guerra lutar pelos seus interesses em nome da pátria; e os esclarecidos. Considero-me um homem esclarecido, com suficiente sentido de responsabilidade, embora dado a paixões como quaisquer outros, que me colocaram ao longo da vida em situações muitas vezes incómodas. Tenho procurado fazer o bem, não o bem cristão, de sacristia, que tem como fim o prémio *post mortem*, mas o bem desinteressado e solto de amarras e compromissos com um qualquer deus todo poderoso.

Faz hoje vinte anos que terminou a guerra. Para mim não terminou. De facto, há vinte anos que continuo, na minha cabeça, a arrastar-me pela lama da trincheira, a abrigar-me das balas e dos estilhaços, a ouvir o ribombar dos canhões e o matraquear das metralhadoras. Acordo por vezes a transpirar agarrado à Aninhas.

Há um sonho que se repete e que me deixa um sabor a sangue na boca. Eu apito e salto o parapeito da trincheira à frente do meu pelotão, a pistola apontada à terra de ninguém. Avançamos pela lama e pelos buracos dos morteiros depois de os canhões do nosso lado se terem calado. As metralhadoras e as espingardas boches começam a trautear. Os tiros passam-me por cima e ao lado. Todos nos lançamos ao chão e ninguém sabe se o vizinho está vivo ou morto. Os feridos gemem. São os únicos a dar sinal de si. O som das armas inimigas interrompe-se. Os boches poupam munições. Como comandante do pelotão, obrigo-me a levantar e apito para um novo avanço apontando um buraco em forma de cratera. Cerca de metade ergue-se e avança. Recomeça o trautear das armas de fogo. E é então em plena corrida que eu sinto o chumbo a perfurar-me o peito, a

estraçalhar-me o coração e a sair pelas costas, como se uma lança me tivesse atravessado. Caio devagar, as mãos no peito a tactearem a vida que se me escapa em forma de sangue, os olhos muito abertos na escuridão e uma dor atroz.

É um sonho estranho. Tanto mais que nunca participei em nenhum raide às linhas inimigas. Explico-o talvez pelo terror que todos os que estavam na linha da frente tinham de um dia vir um despacho de cima a ordenar um raide. Era raro, pois o Corpo Expedicionário Português na Flandres tinha como missão principal a defesa de posições e não a ofensiva. Mas às vezes o general da divisão, para mostrar serviço aos ingleses, ordenava o raide. A finalidade era quase sempre a mesma: capturar prisioneiros e espiar as trincheiras inimigas. Era rara a vez em que não houvesse homens que regressavam nas macas mortos ou feridos. E nós perguntávamo-nos para quê. Os soldados capturados eram praças ou graduados de baixa patente que pouco ou nada sabiam de ofensivas e contra-ofensivas. Cumpriam ordens como nós. E as linhas inimigas não eram muito diferentes das nossas: buracos de lama, sacos de areia à volta de pequenas construções para resguardo dos homens nos bombardeamentos pesados, num emaranhado de labirintos pontuados de ninhos de metralhadoras e charcos de água fedorenta.

Talvez a única diferença fosse que as indicações das nossas trincheiras estavam em inglês, incompreensível para a maior parte de nós, e as deles em alemão. Uma vez sugeri ao capitão da companhia que dissesse ao major do batalhão e que este transmitisse ao coronel na brigada para chegar ao general da divisão e este por sua vez sugerir ao general do Corpo Expedicionário, que, em *meeting* com os generais ingleses, mandassem traduzir para português o conteúdo das tabuletas que se espalhavam pelas trincheiras. O capitão olhou-me com ar de gozo e disse-me que a ideia também ele já a tivera, mas que a dependurara no cabide do abrigo ao pensar que, quando a proposta chegasse a quem de direito, provavelmente a guerra já teria acabado. Eu disse-lhe que estava muito otimista quanto ao fim da guerra. Ele riu-se:

– Ó Vasques, tu não percebeste. Esta guerra está aí para durar. Os do quartel-general estão tão entretidos a brincar com bandeirinhas coloridas, soldadinhos de chumbo e trincheiras pintadas a vermelho numa cartolina, que a guerra há-de acabar e eles nem darão por isso.

O capitão era muito animador. Felizmente falava assim apenas com os oficiais e um ou outro sargento de maior confiança. Para os soldados, o discurso era sempre de ânimo:

– Aguentai firmes, que a guerra está por dias. Mais uma ou duas semanas e os boches rendem-se e nós recebemos guia de marcha para casa.

E a soldadesca acreditava, ou fingia acreditar. E os homens empenhavam-se com mais algum alento na limpeza e manutenção do equipamento e das trincheiras.

Eu não gosto de falar da guerra. Em casa já todos sabem e por isso raramente se toca no assunto. Uma ou outra visita desprevenida, e ouvindo dizer que eu lá estive e que fui ferido num braço, pergunta, a querer saber como foi. Eu fico mal-humorado e calo-me. Já houve quem se ofendesse. Não se pode falar da guerra a quem nunca a viveu. Por mais pormenores que se contem do horror por que passámos, o que escuta nunca o poderá compreender inteiramente. Alguns fazem até um ar de incredulidade, como se não fossem possíveis tais atrocidades. Que exageramos para nos mostrarmos valentes. Que aquilo foi uma peluda, um passeio à França pago pelo governo. Só podemos partilhar o horror com alguém que também lá estive e viu o sangue das feridas, e ouviu os gritos dos moribundos, e enterrou a cabeça na lama para escapar aos estilhaços dos obuses e dos morteiros, que sentiu o cheiro a gás, que viu pedaços de seres humanos espalhados pelo chão e ratos a passear por cima. Por mais que deseje esquecer, é o cheiro da trincheira que me perpassa pelo nariz quando, depois da chuva, dou um passeio pelo campo. É numa árvore caída pelo vento que vejo aquele soldado atingido por um estilhaço que lhe decepou uma perna. No momento em que ouvi os seus gritos, corri para ele. Os camaradas rodeavam-no, um deles com a perna na mão, como



um objecto inútil. Aproximei-me e o soldado agarrou-se à minha farda e gritava dizendo:

– Meu alferes, diga-me que eu não vou morrer!

E eu, talvez mais assustado do que ele, dizia-lhe que não, que era só um arranhão. Morreu assim, agarrado à minha farda, como se um raio o tivesse atravessado. Foi preciso a ajuda dos outros soldados para lhe apartar os dedos agarrados ao meu dólman. Vi morrer sete dos meus homens, dois atingidos por *snipers* enquanto fumavam um cigarro, três mortos por estilhaços, um morto acidentalmente por um camarada que puxou o gatilho sem querer e um enregelado de frio quando estava de guarda a uma posição do parapeito.

O que vi morrer agarrado à minha farda era da aldeia vizinha. Quando regressei, fui visitar a mulher para lhe dar os meus pêssames pessoais, uma vez que os oficiais já lhe tinham sido dados através de carta enviada pelo Ministério da Guerra. Era uma família pobre e o soldado deixava três filhos. A mulher veio atender-me à porta do casebre onde vivia. Não me convidou a entrar. Vestia de preto. Comecei a dar-lhe os pêssames. Ela interrompeu-me com maus modos, disse-me para eu me pôr a andar e insultou-me aos gritos:

– Bandido, que me roubaste o marido!

Saí dali à pressa, não fosse a mulher atirar-me com algum pote à cabeça. Não cheguei a ir visitar os restantes familiares dos soldados mortos.

Nas trincheiras, com o hábito, tudo se me tornou indiferente. O cheiro a merda e a podridão, o gás, a pólvora queimada, a lama, a humidade, o frio, o constante atroar dos canhões. Os estrategas diziam que isso se devia à instrução militar a que cada um fora submetido antes de ir para as trincheiras e à vivência da própria guerra. Quando voltei, tudo passou a incomodar-me e qualquer coisa inconsequente me arrastava de súbito para o cenário de terror. O cheiro do esturme para adubar as terras, um tiro de um caçador às rolas, um foguete em dia de festa.

Não se pode falar de guerra a quem nunca lá esteve. Nos últimos vinte anos, tenho guardado para mim próprio as recor-

dações. Anualmente, os oficiais e sargentos veteranos do batalhão organizam um almoço. Um ano chegaram mesmo a organizar uma excursão à Flandres para rever o local onde durante cerca de dois anos viram passar a juventude e morrer os amigos e conhecidos. Não fui à excursão e dos almoços fui apenas a um, por insistência do capitão Rebelo. Chegam notícias de que são cada vez menos os que comparecem aos encontros. Morrem quase todos por doenças de pulmão devido ao gás mostarda, tuberculose e ferimentos que entretanto os debilitaram.

O meu contacto com a guerra, depois que regresssei, têm sido os livros de memórias que coleciono e que vão sendo publicados por um ou outro veterano. Tenho algumas dezenas e são de valor irregular, quer literário, quer de fidelidade aos acontecimentos. Uns são mais patrioteiros, louvando a coragem, a determinação e o valor dos soldados portugueses. Outros são mais críticos, quer ao desempenho do CEP na Flandres, quer à decisão dos políticos portugueses em arrastar o país para a guerra. Alguns livros, escritos por oficiais subalternos, limitam-se a descrever os acontecimentos do dia-a-dia nas trincheiras. Estes últimos li-os com interesse e senti que havia algures alguém que sofria como eu. Acabei por perder o interesse por esses livros e guardei-os no sótão da casa dentro de um caixote. Fi-lo, não por receio de que me desse a tentação de novamente os folhear, mas para evitar que alguma visita da casa desse com eles na biblioteca e se pusesse a falar do assunto.

Parece um contra-senso eu dizer que me é doloroso falar ou ouvir falar da guerra e estar aqui a relembra-la. É que li algures que o escrevermos sobre uma coisa que nos aflige ou incomoda é uma forma de exorcizá-la, tornando-a inofensiva. Não tenho pretensões na escrita. Além de uns poemas lamechas do tempo de estudante, passei o serviço militar a redigir relatórios e, depois disso, a instruir processos judiciais. Não seria agora, que se me encaneceu o cabelo, que me tornaria escritor. É preciso dar lugar aos novos. E tanto quanto sei e vou lendo numa ou noutra revista e jornal que cá me chegam, não falta quem queira pôr o mundo de pernas para o ar

com a literatura. Eu, por mim, contentar-me-ei em preencher umas quantas folhas de papel almaço que provavelmente queimarei quando o exorcismo estiver completo.

Às vezes, ponho-me a pensar que o nosso esforço na guerra foi em vão. Que os milhões de mortos de um lado e do outro entre 1914 e 1918 não poderão nunca ser justificados; que a perda da inocência e da energia da juventude dos que voltaram não passou de um absoluto desperdício. O mundo, de facto, não ficou melhor. Muitos pensavam que aquela seria a última de todas as guerras e que depois o mundo viveria para sempre em paz. Porque o horror foi de tal ordem, que nenhuma nação teria a partir daí coragem para iniciar um novo conflito. Vã ilusão. O mundo prepara-se para uma nova guerra, esta provavelmente bem mais terrível. A Alemanha rearmou-se e Hitler aguarda o mais pequeno pretexto para a iniciar. Uma das mais fortes razões será a de os alemães tirarem a desforra pela humilhação sofrida na primeira, ao serem obrigados a assinar o armistício. Temo pelo meu filho mais velho. Não suportaria vê-lo partir para as trincheiras, desta vez, provavelmente, para o lado errado. E o que é o lado certo e o errado? Salazar tanto é aliado dos ingleses, como simpatiza com Hitler e com a sua política nacionalista, patriótica e totalitária. Gostaria que o nosso presidente do conselho tivesse o bom senso que os criminosos republicanos não tiveram, e não caia na parvoíce de vender os nossos jovens ao estrangeiro em troca de apoio político para o regime.

Prometi à Aninhas não me referir ao nosso presidente do conselho. Ela tem receio de que a polícia política faça uma rusga à casa e encontre alguma coisa escrita comprometedora. Há três anos atrás, os mandatários políticos do Estado Novo fizeram-me uma visita de cortesia a recolherem o meu apoio. Como eu os pus no olho da rua, o mais certo é o meu nome constar agora dos ficheiros da polícia. Mas isso para mim não tem qualquer importância. Já no anterior regime, o meu nome constava dos ficheiros como anti-republicano. Agora deve constar como simpatizante ou, quem sabe, militante, do Partido Comunista. A política, que arruinou este país, não me inte-

ressa. Pelo menos esta política, em que não pode haver duas opiniões, em que não pode haver duas cores, em que todos cantam no mesmo tom: dó maior, o tom do vira e do malhão, do fado malandro e do *A Treze de Maio na Cova da Iria*.

Fiz uma pausa, a ponderar se deveria rasurar a última referência musical. Não por superstição ou temor sagrado, que os não tenho, mas por respeito às crenças do Rato. O Rato foi o meu impedido na Flandres. Depois da guerra, voltou para a França e nunca mais o vi até há dois dias ele me aparecer na quinta, de chapéu na mão, o cabelo embranquecido. Deve andar pelos cinquenta anos. É mais velho do que eu e nunca compreendi como foi recrutado, sendo casado, pai de quatro filhos e com perto de trinta anos. Em 1916, com a pressa de reunir a carne para canhão a exportar para as trincheiras francesas, o Ministério da Guerra não se deu ao trabalho de seleccionar criteriosamente os expedicionários. O critério era básico: ninguém estava dispensado, excepto, mas isso não estava na ordem de serviço, os filiados no Partido Democrático, que detinha o poder na altura, benesse extensiva a familiares, sobrinhos, afilhados e amigos.

O Rato apareceu na quinta, dizia eu, e pediu para falar comigo. Como parecia um simplório, a minha filha Inês, que foi atender a campanha, mandou-o esperar nas escadas principais da casa e foi-me avisar.

- Está ali um homem que quer falar contigo, papá.
- Era o início da tarde de um domingo e eu estava no escritório a ler.
- Quem é?
- Eu não o conheço. Diz que se chama Joaquim.
- Joaquims há muitos. Quem diabo será? Disseste-lhe que não precisamos de mais jornalheiros?
- Sim, disse. Mas ele garantiu-me que não vinha cá por causa disso.
- Então que quer ele?
- Teima em falar contigo.
- Como é o homem?
- É de meia idade, talvez um pouco mais velho do que tu.

– Homens desses há muitos.

– Ele é assim para o patego, embora não esteja mal vestido. Até traz fato e gravata.

– Será da polícia? – perguntei sobressaltado.

– Da polícia? Estou em crer que não. Eu disse-lhe para esperar lá fora. Queres que eu lhe vá dizer que não estás?

– Deixa estar. Vou saber o que homem quer. Se ele cá veio falar comigo, é porque tem alguma coisa importante para me dizer.

– De qualquer maneira, tem cuidado.

Larguei o livro, atravessei o corredor até à porta principal e vi o Rato de mãos nos bolsos encostado a um dos vasos de granito das escadas. Além do cabelo branco e de um pouco de barriga, não tinha mudado muito. O bigode penteado e enrolado nas pontas cor de graxa era o mesmo.

– Rato?... – perguntei.

– Meu alferes?...

Desci as escadas de braços abertos e dei-lhe algumas palmadas nas costas. Ele ficou de algum modo surpreendido com a recepção. Devo tê-lo afectado com as palmadas, pois ele mostrou uma careta de dor. Só mais tarde viria a saber que sofria dos pulmões.

Disse-lhe para subir e fi-lo sentar-se numa das poltronas do escritório. Ele tirou o pacotinho das mortalhas e do tabaco picado do bolso, enrolou um mata-ratos que acendeu com um fósforo e perguntou se eu era servido. Agradei e expliquei-lhe que tinha deixado de fumar. Bastara-me o fumo das trincheiras. Ele puxou uma fumaça, tossiu fortemente e isso deixou-me preocupado.

Apresentei-lhe entretanto a Inês, a minha filha mais nova, que tinha vindo do colégio passar o fim-de-semana a casa. A Inês sorriu-lhe e ele fez uma vénia com a cabeça. Pedi depois à Inês para ir dizer à Guiomar que nos trouxesse alguma coisa para beber. O Rato escusou-se, que não queria dar trabalho, que estava só de passagem para me apresentar os seus cumprimentos e que não se demorava. Disse-lhe que as visitas mereciam ser bem recebidas pelo patrão da casa, ainda para mais uma visita tão ilustre.

Daí a momentos, a Guiomar entrou no escritório a limpar as mãos ao avental, olhou incrédula para o Rato e exclamou:

– Padrinho?...

– Esta é a Guiomar, a tua afilhada – lembrei-lhe.

Ele ergueu-se da poltrona, desorientado. Ela aproximou-se, recuperando da surpresa, e exclamou:

– Padrinho, a sua bênção.

– Deus te abençoe, minha filha.

O Rato deu-lhe a mão e a rapariga beijou-a.

– Há quanto tempo não o via! Aqui todos pensávamos que lhe tinha acontecido alguma coisa.

– Afinal aqui estou. Tu cresceste desde a última vez que te vi – observou ele olhando-a de alto a baixo. – Estás uma bela rapariga, sim senhor.

– Terão vocês muito tempo para pôr a conversa em dia noutra altura – interrompi. – Sugiro que convides a Guiomar a ir a tua casa. Afinal sempre lhe deves o foliar dos últimos vinte anos.

Rimos todos, concordando que assim era, e a Guiomar perguntou o que haveria de trazer para fazer as honras à visita. Eu disse-lhe que trouxesse uma garrafa de champanhe. Do especial, com rótulo estrangeiro. Ela protestou, dizendo que não sabia qual era o especial e muito menos o de rótulo estrangeiro, ou lá o que era, e que o melhor era eu descer à adega e escolher à minha vontade.

– A tua mãezinha não te mandou à escola? – perguntei.

– Mandou sim, sr. doutor, mas só aprendi até à letra P. As outras não tive tempo de aprender porque tive de vir para aqui servir.

– Vai então tratar da tua vida, que nós cá nos arranjamos.

– Levo-lhes depois umas pataniscas.

Peguei no Rato e levei-o para a adega. Não abrimos o champanhe. Acabei por regalá-lo com um vinho branco da colheita do ano passado. Ali ficámos o resto da tarde a recordar risos e horrores, bebendo o vinho e comendo as pataniscas da Guiomar. Com o Rato poderia falar da guerra.